



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Edson Fernando Dalmonte (UNIFIAM)

O JORNALISTA GILBERTO FREYRE:  
REFLEXÕES ACERCA DE UMA TRAJETÓRIA<sup>1</sup>

Resumo: Apresenta o pernambucano Gilberto Freyre (1900-1987) como jornalista, em detrimento da imagem a ele associada apenas de sociólogo, antropólogo e historiador. Ele exerce o jornalismo a partir dos 16 anos até sua morte. Por meio dessa incursão pretende-se mostrar duas realidades decorrentes dessa práxis: 1) o escritor usa a mídia como tribuna para suas idéias, inserindo-se no quadro da intelectualidade brasileira; 2) da inserção do pernambucano na imprensa resulta uma intervenção crítica acerca do processo de produção da notícia, em especial quando Freyre torna-se diretor de A Província, tradicional jornal de Recife.

Palavras-chave: Jornalismo. Biografia. Mídia

#### 1 - Período Histórico

Gilberto Freyre nasce em 1900, o novo século, marcado por várias transformações, incluindo, de maneira especial, a reorganização por que passa a sociedade no tocante à dinâmica de visibilidade social levada a cabo pela mídia. É por meio dela que se passa a organizar uma outra noção de espaço público<sup>^</sup>, tendo a mídia como local de promoção e difusão de novos conceitos, organizando a sociedade em torno dessa nova realidade - a midiática.

Gilberto Freyre, enquanto intelectual atento à realidade, percebe logo as possibilidades abertas e ampliadas pela mídia e de várias formas passa a se posicionar frente a esse evento. Coloca-se de forma confiante em relação às possibilidades disseminadas pelo impacto do que vem a ser esse novo cenário, possibilitado pelo surgimento e desenvolvimento de novas mídias, bem como do jornal tradicional.

Da mesma forma, é interessante notar seu posicionamento em relação ao sistema de produção da mídia, visto que também passa à qualidade de produtor nesse sistema. Gilberto Freyre torna-se jornalista aos 16 anos, exercendo essa profissão até sua morte, em 18 de julho de 1987. No dia seguinte à sua morte, domingo, é publicado seu último artigo no Diário de Pernambuco, sob o título Meu querido Lula Cardoso Ayres. Ou seja, são 71 anos de exercício da profissão, abraçada ainda na adolescência.

#### 2 - O Jornalista Colegial

Não basta a um intelectual ter e desenvolver idéias; é igualmente necessário comunicá-las e torná-las públicas. É nessa máxima que se assenta a tradição de Gilberto Freyre. De um lado, o profícuo intelectual, com uma vasta obra e muitas idéias; de outro, a necessidade de difundir tal pensamento e de se firmar como pensador no meio de uma intelectualidade tradicionalista. A essa altura cabe apresentar a hipótese que será desenvolvida ao longo desse artigo: o uso da mídia para promoção de sua imagem e difusão de suas idéias<sup>^</sup>.

A iniciação de Freyre no âmbito jornalístico acontece muito cedo. É aos 16 anos, enquanto estudante secundarista do Colégio Americano Batista, que ele se inicia no meio jornalístico. Ele assume a direção de um jornal estudantil daquela instituição chamado O Lábaro

1 Trabalho apresentado no NPO2 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



^. Sobre esse momento da vida do pernambucano, Edson Nery da FONSECA (2001) diz "eu acho que Gilberto Freyre foi um jornalista nato. Ao fazer o jornalzinho do colégio ele já mostra a vocação que tinha para o jornalismo".

Naquele jornal estudantil Freyre assumiu a função de diretor/editor, ilustrador e, em menor escala, de articulista. Em seu livro de memórias, FREYRE (1975, p.6) fala de sua experiência estudantil e da repercussão provocada. "F.P. [ele identifica as pessoas apenas com as iniciais] parece ter grande entusiasmo pelas minhas façanhas de menino-homem, inclusive pelo fato de ser eu redator-chefe do jornal do colégio, O lãbaro. Ele é colaborador".

É bastante significativa essa inserção ainda na juventude no campo jornalístico. Está aí, precocemente, explicitada a vocação do jovem pernambucano - a mídia. Segundo relato de FONSECA (2001), o exercício da atividade comunicativa, nos formatos jornalísticos, faz-se presente inclusive durante a viagem para os Estados Unidos. Ele fez uma folha volante no navio durante a viagem daqui para os Estados Unidos em 1918. Por meio dessa folha era feita a comunicação entre os passageiros. A meu ver esse fato é bastante significativo. Ele sentia realmente uma grande ansiedade, um grande desejo de se comunicar. Ao chegar em Baylor, ele que era um grande caricaturista, fez uma série de postais "Baylor faces by a Baylor pen", na qual retrata personalidades e os principais professores. Esse material chegou a ser editado pela universidade.

É esse o universo do jovem pernambucano, que nasce no século da mídia e se torna simpatizante do processo por ela engendrado. Ele se torna pensador, escritor, mas acima de tudo, jornalista, homem da mídia, que soube fazer dela a plataforma para seus pensamentos. Essa relação fica ainda mais clara no momento em que embarca, em 1918, para os Estados Unidos, e lá chegando, depara-se com uma sociedade fortemente marcada pela Revolução Industrial, que estava vivendo sob o impacto de uma reorganização social em função da inserção da mídia nas relações da sociedade com o cidadão. O próprio mundo da política passava por uma reorganização em função do desenvolvimento midiático, elevando a mídia a um novo patamar, por exemplo, no tocante ao processo de visibilidade social conferida às campanhas eleitorais^.

3 - Jornalismo Norte-Americano: influências e restrições éticas  
Gilberto Freyre, em 1918, segue para os Estados Unidos. Vai para lá estudar. Com isso, entra em contato com um novo sistema sócio-cultural. Aquele era o país que já despontava como nação hegemônica, em especial por seu avanço tecnológico. Uma das características principais era o avançado quadro da imprensa. A imprensa norte americana tem sua origem no século XVIII, tendo a Nova Inglaterra como berço do jornal.

Desse contato com um jornalismo que tudo faz pelos "grandes números", Freyre tira uma lição: prezar pela qualidade do que se faz no jornalismo, o que foi posto em prática no período em que esteve à frente do tradicional periódico pernambucano A Província, e que será analisado a seguir.

Em detrimento desse jornalismo que tudo faz par aumentar a tiragem, chamado de "amarelo"^(1), puramente sensacionalista, há um outro que marca uma verdadeira evolução, no que culmina com um moderno jornalismo, nos moldes hoje conhecidos. As inovações são marcadas pela



configuração de uma empresa complexa, abrigando um quadro permanente de funcionários, com distintos profissionais, desde jornalistas até administradores.

A inovação norte-americana fica circunscrita, por exemplo, a Joseph Pulitzer e seu jornal World, que embora também classificado como "amarelo", é um dos expoentes do chamado novo jornalismo, que se inicia no final do século XX. "Pelo constante processo de procurar assistentes leais e competentes entre os jornalistas do país, Pulitzer conseguiu manter o World sempre em progresso na linha que lhe traçara, como principal expoente daquilo que os jornalistas estavam chamando de novo jornalismo" (EMERY, 1965, p.415).

A modernização no jornalismo ocorre com a especialização das atividades, o que transforma qualitativa e quantitativamente as empresas de comunicação. Para EMERY (1965, p.417), "a especialização das atribuições tornou-se necessária quando o processo de editar se fez mais complexo e quando as equipes cresceram em tamanho". O formato de empresa de comunicação que Freyre encontra nos Estados Unidos, num período marcado pela busca de especialização das atividades concernentes ao jornalismo, irá influir em seu modo de exercer o jornalismo ao retornar para o Brasil. Pelas empresas de comunicação por onde passa, como Diário de Pernambuco e A Província, incentiva mudanças no sentido de fazê-las funcionar de forma semelhante às empresas norte-americanas. Com isso, impõe inovações técnicas e administrativas.

4 - O homem e seu estilo

4. 1 - Diário de Pernambuco: o diário quase íntimo de Freyre  
A aventura iniciada no jornalismo estudantil, nos tempos de O Lábaro, segue-se outra, dessa vez de forma sistemática e em veículos tradicionais. Aos 18 anos<sup>1</sup>, nos Estados Unidos, começa a escrever e enviar uma série de artigos, que passaram a compor uma coluna no Diário de Pernambuco, intitulada "Da outra América"<sup>1</sup>. "O jornalismo vinha ele exercendo desde os tempos de estudante de mestrado em Columbia, quando passara a enviar constantes colaborações para os jornais recifences, O Jornal do Rio de Janeiro e Revista do Brasil em São Paulo" (CHACON, 1993, p.199).

A relação com o Diário de Pernambuco é fundamental para se entender a relação de Gilberto Freyre com o jornalismo. Embora tenha publicado em muitos outros periódicos, foi no diário pernambucano onde o fez de maneira assídua, sem interrupção, por 69 anos. Sobre a relação com aquela empresa, lembra FREYRE (1985, p.9): "desde a adolescência, tão ligado ao Diário de Pernambuco. Ligação tão afetiva quanto efetiva [grifo nosso]".

A história do Diário<sup>1</sup>, iniciada em 1825, que no início do século XX era um dos mais tradicionais periódicos em circulação, está intimamente ligada à trajetória de Freyre. Em 1924, ano em que retorna ao Brasil, foi admitido como redator especial, vindo a ocupar o cargo por dois anos (NASCIMENTO, 1968, p.145).

Em 1925, ano do centenário do Diário de Pernambuco, as comemorações ocorridas no dia 7 de novembro, ficaram a cargo de Freyre. No referido dia, o Diário circulou em edição recorde de 60 páginas. Porém, o grande marco do evento seria a publicação da primeira obra de autoria coletiva no Brasil, o Livro do Nordeste<sup>1</sup>, organizado por Gilberto Freyre, sendo de sua autoria três dos artigos: "Vida social no Nordeste (1825-1925)"; "A pintura no Nordeste" e "A cultura da cana no Nordeste". Com isso, Freyre passa a ser apontado como o "inventor do

1 Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



Nordeste", mas a expressão, segundo BENJAMIM<sup>1</sup>, havia sido pioneiramente empregada na Confederação do Equador, em 1830, que finda com a morte de Frei Caneca.

Já em 1926, com 26 anos, Freyre assume a chefia da redação do Diário de Pernambuco, o jornal mais antigo na América Latina (CHACON, *idem*). A relação com aquela empresa jornalística é quase de parceria, tanto que em 1926 representa o Diário no congresso Pan-Americano de Imprensa, nos Estados Unidos (FREYRE, 1975, p.193-194).

Em 17 de junho de 1931 o Diário passa por uma profunda transformação - integra-se aos "Diários Associados", de Assis Chateaubriand, amigo íntimo de Freyre. Mas a transação só vem a se efetivar no ano de 1934 (NASCIMENTO, 1968, p.152 e 159). No dia 3 de setembro Gilberto Freyre é designado como um dos diretores efetivos, cargo que ocupa até 20 de novembro e que havia aceito para cobrir a fase de reorganização do Diário. Ele continua, contudo, prestando serviço na qualidade de colaborador (*idem*, p.159-160).

Gilberto Freyre fez do Diário uma tribuna contra o Estado Novo, de Getúlio Vargas, opondo-se a ele com grande veemência, o que era manifestado por seus artigos. À custa de tamanha rebeldia, chegou a ser preso. Juntamente com intelectuais e estudantes que combatiam a ditadura, Freyre estava entre os manifestantes que no dia 3 de março de 1945 promoveram uma passeata, no centro do Recife, manifestando-se contrários ao regime e colocando-se a favor da candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes à presidência da República (RIVAS, p.10). A manifestação é subitamente interrompida por tiros "disparados por desconhecidos". Como não se intimidaram com o ocorrido, os líderes do movimento subiram à sacada do Diário com o objetivo de falar à multidão. Com lembra RIVAS (*idem*)

O sociólogo discursava, ao lado do jornalista Aníbal Fernandes e do estudante de Direito, Demócrito de Souza Filho, na hora em que começou o segundo tiroteio. O episódio conhecido como 'o 3 de março' deixou quatro feridos e dois mortos: o carvoeiro Manoel Elias, na pracinha; o acadêmico Demócrito, o 'Moquinha', amigo da família Freyre, na Redação do jornal.

Na sucessão dos fatos, na madrugada do dia 4 o jornal foi invadido e impedido de circular, voltando no dia seguinte, porém sob censura prévia e sem poder noticiar as mortes. O jornal voltaria à normalidade apenas 36 dias após o ocorrido, valendo-se de uma liminar, que o permitia trabalhar livre da censura.

Com a morte do estudante Demócrito, teve início uma série de manifestações em todo o Recife, dentre elas a prestada pelo Diário, que afixou um retrato do acadêmico assassinado na Redação. Nessa ocasião, Freyre faz um discurso inflamado, que sai na primeira página do Diário, sob o título "quiseram matar o dia seguinte". Outro fator importante a ser considerado diz respeito à relação empregatícia entre Freyre e as empresas de comunicação onde publicava seus artigos. De acordo FONSECA (2001), "o Gilberto sempre fez questão de que a colaboração fosse paga, de que o trabalho intelectual fosse remunerado". Era na condição de colaborador que fazia suas publicações, como no Diário de Pernambuco, onde atuou nessa condição por toda a vida, sem abrir mão, contudo, da remuneração. Esse fato é decisivo para que se possa entender a essência da relação do escritor com os meios de comunicação, que não estava baseada no favor, e sim num contrato entre o profissional e a empresa.

1 Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



Entretanto, a relação com o Diário não era só a de enviar seus artigos para serem publicados, mas ele participava ativamente do processo, cuidando pessoalmente, por exemplo, das notícias a seu respeito para que lhe fossem favoráveis. Esse fato é ilustrado pelo depoimento de FONSECA (2001):

Ele cuidava muito bem do noticiário a respeito dele. Ele mandava notícias prontas, porque ele sabia como se faz um jornal. Ele vivia sempre brigando com a direção dos jornais, porque eliminavam coisas, ele dizia que os seus trabalhos eram sabotados. Durante o tempo em que o Diário de Pernambuco foi dirigido por um grande amigo seu, Aníbal Fernandes, o maior jornalista pernambucano, eu assisti até a algumas brigas dele com o Aníbal por acusa disso. O Gilberto dizia: 'tem gente no jornal me sabotando'.

Foi ainda pelo Diário de Pernambuco que Gilberto Freyre fez seu registro profissional. Data de 30 de janeiro de 1956 sua admissão formal, que é feita na condição de redator. No mesmo ano, em 30 de abril, é admitido no Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Recife, sendo que o registro profissional de jornalista remonta a 8 de agosto de 1953.

#### 4. 1. 1 - Da província para a nação

Gilberto Freyre inicia-se como jornalista profissional no Diário de Pernambuco ainda na juventude e segue publicando naquele periódico por toda a sua vida.

Gilberto Freyre conseguira, aos 18 anos, iniciar sua carreira de jornalista, no Diário de Pernambuco, convidado pelo seu diretor Carlos Lira Filho. Dos Estados Unidos começara a mandar uma série de artigos chamada 'Da outra América' (...) Assim, foi Freyre construindo seu espaço no meio intelectual recifense (REZENDE, 1997, p.148).

É de suma importância esse fato - a inserção de Freyre na intelectualidade pernambucana via Diário de Pernambuco. No referido periódico ele publica ao todo 2.201 artigos<sup>1</sup>. Com base nesses dados, pode-se retomar e afirmar a hipótese de que por meio desse recurso ele se manteve sempre em voga, fazendo da imprensa uma cátedra, por meio da qual divulgava suas idéias.

Mas, além de se firmar na província, competia ao intelectual se lançar no quadro nacional, pois seu objetivo sempre foi o de se estabelecer em Recife, contudo, não para se encerrar naquele espaço e sim tê-lo como base.

É também por meio dos jornais que se lança e se mantém no panorama nacional, escrevendo regularmente em periódicos de vários centros do país, tais como: Diário de Pernambuco, Jornal do Commercio e A Província - PE; Correio da Manhã, A Manhã, O Jornal, Diário Carioca, Diário de Notícias, Jornal do Brasil e Jornal Pequeno - RJ; La Nación, Buenos Aires; O Estado de S. Paulo e Jornal da tarde - SP.

Se considerarmos a importância dos artigos publicados no Diário de Pernambuco, muito há que se dizer da abrangência de tais artigos em circuito nacional. Por meio dessa 'tática' o intelectual deixa de ser provinciano, tornando-se figura nacional. O trânsito da província para a nação ganha proporções ainda maiores com a estrutura dos "Diários Associados", de Assis Chateaubriand.

1 Trabalho apresentado no NPO2 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



Chatô era amigo pessoal de Freyre, tanto que os recursos para a primeira edição de Casa-grande & senzala (FREYRE, 1996) são conseguidos junto ao colega jornalista. A amizade íntima entre ambos está registrada pela relação epistolar, sendo que o número da correspondência recebida por Freyre proveniente de Chatô é de 50, incluindo telegramas, cartas e bilhetes<sup>1</sup>.

Assis Chateaubriand formou o maior império de comunicação da América Latina, começando por São Paulo, pelo Diário da Noite e alastrando-se por todo o território nacional, constituindo o que inicialmente se denominou "O consórcio Chatô", e posteriormente passou a ser conhecido por "Diários Associados" (MORAIS, 1994, p.118 e 256). Desse condomínio faziam parte inúmeros jornais, rádios e uma agência de notícias, a Agência Meridional<sup>1</sup>.

Para Gilberto Freyre, figura ligada ao Diário de Pernambuco, que passa a fazer parte dos Diários Associados em 1934 (NASCIMENTO, p.159), o uso daquela estrutura foi fundamental. Com isso, seus artigos passaram a ser "republicados" pelos outros jornais do grupo. Uma mesma matéria podia aparecer em vários periódicos, como é o caso do artigo "Dois Recifes", que sai no Jornal do Commercio em 19 de agosto de 1945 e na Folha da Manhã, em 15 de setembro do mesmo ano.

Essa prática toma proporção tal que logo após o título dos artigos passa a vir uma legenda com os dizeres "Para os Diários Associados", o que significava que aquele artigo seria "republicado" pelos integrantes daquela cadeia. É o caso do artigo "Uma revista para a criança brasileira", publicado em 29 de novembro de 1970(a).

Dentre os principais veículos de comunicação dos Diários Associados estava a revista O Cruzeiro, que era o semanário mais difundido em território nacional. Na referida revista Gilberto Freyre publicou 874 artigos<sup>1</sup>, sempre na coluna assinada por ele: "Pessoas, coisas e animais"<sup>1</sup>. Esse fato mostra a maneira pela qual Gilberto Freyre, pelo uso da estrutura midiática, passa de figura provinciana à condição de intelectual nacional.

#### 4. 2 - O Jornal A Província: uma escola de jornalismo

A grande aventura de Gilberto Freyre nos campos do jornalismo se dá em A Província, que começou a circular em Recife em 6 de setembro de 1872<sup>1</sup>, como órgão do Partido Liberal (NASCIMENTO, 1966, p.174). O fato de o jornal pertencer a um partido torna-se fundamental para se compreender a relação de não-dependência, quando Estácio Coimbra assume o governo de Pernambuco, e Freyre está à frente daquele jornal. Gilberto Freyre desempenha a função de diretor de A Província entre 1928 e 1930, quando eclode a chamada Revolução de 30 e o jornal é impedido de circular. Tanto Estácio, quanto Freyre, seu secretário, partem para o exílio.

É fato de suma importância o tipo de relação que Freyre exige do jornal para com o Estado, o de afastamento econômico. Competia à empresa buscar outros recursos, e para isso deveria cortar o vínculo direto com o Estado. Por meio do relato de Jayme SANTOS (1950), contemporâneo de Freyre na redação de A Província, percebe-se com clareza que esse objetivo foi posto em prática.

Entretanto, cumpre dizer o seguinte: 'A Província', como órgão oficial, nunca recebeu um centil do governo. Gilberto Freyre - por quem o governador Estácio Coimbra tinha especial apreço - não o consentia. Tanto que 'A Província' passou momentos de aperto, mas o diretor não desceu da sua dignidade. Jamais solicitou auxílio de

1 Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Estácio Coimbra, como tampouco, prevalecendo-se da situação, pediu publicidade a [palavra ilegível] ou aquela firma.

Indo ao encontro desse depoimento, PEREIRA (1982, p.192), fala da ação de Freyre na referida empresa, que tendia ao afastamento em relação ao Estado, dizendo que tal iniciativa representava "uma singularidade em jornal ligado ao governo: - não se fazia o elogio sistemático da situação dominante. Os colaboradores tinham o direito de divergir do governo".

O outro caminho adotado por Freyre n'A Província foi o da introdução de inovações técnicas e estilísticas no jornalismo, também elas decorrentes de suas experiência nos Estados Unidos. Sobre a experiência em A Província, PEREIRA (1982, p.189) diz que foi

Onde ele fez escola como jornalista, comentarista, editorialista, repórter, caricaturista - o 'multiplicador de talentos', como o chamou com grande propriedade de expressão o Monsenhor Severino Nogueira (...) na missa solene com que se iniciaram, em 15 de março de 1980, as celebrações dos oitenta anos de Gilberto Freyre.

Freyre assume a direção do jornal, dedicando-se de maneira especial ao cargo que lhe fora confiado, e de forma contrária a sua tradição, publica poucos artigos, o que se verifica pelos números: 75 contribuições em A Província, dentre as quais, estão incluídas caricaturas, sob os seguintes pseudônimos: Le Moine, Antonio Ricardo, Jorge Rialto e Raul dos Passos, com as quais assina inclusive os artigos. Por meio das caricaturas de Le Moine ilustra a coluna "caras do dia". Sobre essa experiência, o depoimento do próprio FREYRE (apud PEREIRA, 1982, p.193) é bastante elucidativo.

Decidi assumir a direção, omitindo-me como intelectual e até como jornalista n'A Província, recorrendo a pseudônimos. O pesquisador Nilo Pereira (...) vai verificar que meu nome não aparece em artigo algum, aparece o pseudônimo. Isso me dava uma autoridade maior para dirigir o jornal sem ser o participante literário ou como colaborador ou como jornalista ostensivo no jornal, e assim se fez.

Dentre os cuidados que Freyre passa a ter com o jornal, um deles gira em torno do estilo, que deve ser o mais claro e objetivo possível, deixando de lado os vícios de linguagem ou preciosismos. Quem atesta esse fato é o jornalista Jayme SANTOS (1950), que vivenciou essa inovação.

Um escritor da marca do autor de 'Casa-grande & senzala', teria que oferecer suas exigências aos que o cercavam. Na redação de 'A Província', encontrei um quadro com esse título: Palavras que não se usam nesta casa. E, a seguir, vinham citadas: genitor, quejando, belo, oriundo, consorte, mormente, propiciar e uma série de outros termos.

O objetivo central do diretor é modificar a linguagem, fazendo com que esta se torne mais flexível e objetiva, como relata em seu livro de memórias (FREYRE, 1975, p.234)

Todo meu empenho é fazer d'A Província um jornal diferente dos outros e fiel à sua condição de jornal de província. Autêntico. Honesto. Com

1 Trabalho apresentado no NPO2 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



colaboração de alguns dos melhores talentos modernos do Rio de Janeiro e de São Paulo (...) Um dos meus empenhos é dar ao noticiário e às reportagens um novo sabor, um novo estilo: muita simplicidade de palavra, muita exatidão, algum pitoresco. Isto é que é importante num jornal. E nada de bizantinismo. Nada de se dizer 'progenitor' em vez de pai nem de 'genitora' em vez de mãe. Já preguei no placard um papel em que se proíbe que se empreguem no noticiário não só essas palavras pedantes em vez das genuínas, como 'estimável', 'abastado', 'onomástico', 'deflui', 'transflui', etc.

Essa nova linguagem parecia estranha para o Brasil da época, mas era um novo tempo que estava chegando, tempo no qual a comunicação estava se tornando massiva e tornava-se mais dinâmica na perspectiva dos processos de industrialização, que exigiam maior agilidade dos meios de comunicação social. Sobre a inovação imposta por Freyre, o pesquisador Nilo PEREIRA (1982, p.197) faz importante declaração

Por onde andaré essa Portaria? A verdade é que era obedecida. Não encontrei na leitura que fiz do jornal, em sua fase gilbertiana, nenhum 'festejado beletrista', 'conspícuo magistrado', 'brilhante causídico', 'abastado comerciante' ou 'conceituado esculápio'. Um estilo seco, direto, objetivo, de grande comunicação social, sem babados.

A verdade é que essa 'moda' de se criar um manual de redação e estilo não teve êxito imediato, embora tenha sido muito bem explorada durante o tempo em que Freyre esteve à frente d'A Província, entre 1928 e 1930. Segundo José MARQUES DE MELO (2000, p78), os "manuais de redação" só seriam legitimados no Brasil na segunda metade do século passado, período em que nossa imprensa definitivamente ingressa na sua etapa industrial. O cuidado com o jornal, sob a direção de Freyre, tinha ainda uma outra característica: a melhoria da revisão.

A Província passou a pagar melhor do que talvez qualquer jornal do Brasil. Revisão, em geral, é explorada, mal paga e negligenciada, e daí a inferioridade da nossa revisão e por esses erros havia multa. Dessa multa, no fim do ano, o produto era em benefício dos próprios revisores em geral. Dividia-se com os revisores em geral. De modo que era multa muito particular, muito singular (PEREIRA, 1982, p.195).

Uma vez mais torna-se relevante o depoimento direto de quem vivenciou esta experiência. "Havia multa. Linha truncada, 'furos', erros de revisão, empastelamento - de 10 a 200 cruzeiros. Uma vez levei um 'furo' e paguei 50 mil réis de multa" (SANTOS, 1950). Mais essa faceta do intelectual de Apipucos é bastante reveladora, em especial se partimos da premissa de que ele interveio de forma inovadora na comunicação. Fica claro que ele não concebia a processo comunicacional centrado apenas no produtor, mas preocupava-se com o outro lado, ou seja, a recepção. Esse fato desdobra-se, por exemplo, no respeito ao leitor, da parte do Freyre jornalista, de acordo com José Augusto GUERRA (1980, p.89), "não esquecia o que de mais importante existe no jornalismo, este personagem nem sempre lembrado da fina arte de comunicação gráfica - o leitor".



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Em linhas gerais, a aventura n'A Província dá grandes resultados, inovando e renovando o campo jornalístico. A linguagem torna-se mais precisa e objetiva, a comunicação gráfica, bem como os profissionais aí envolvidos, são devidamente valorizados. E o próprio FREYRE (1975, p.237) apresenta outra novidade inserida nesse contexto: o jornalismo de campo, em detrimento daquele de gabinete que então se praticava.

Já fiz n'A Província alguma das coisas que desejava fazer. Seu noticiário é hoje o mais exato, o melhor, da imprensa do Recife, e talvez do Brasil. Inclusive reportagens. Eu próprio tenho feito, sem nunca assinar, entrevistas e reportagens - jornalismo de campo e não de gabinete [grifo nosso]. O jornalismo de campo é o verdadeiro jornalismo.

Freyre aplica à profissão a influência que Freyre recebeu do seu mestre de Columbia, Franz Boas, que inicia uma nova tradição na antropologia com a pesquisa de campo, que era contrária às 'pesquisas de gabinete'. Por meio dessa premissa, passou-se a valorizar a observação direta do fenômeno, sem intermediações. Esse fator, segundo LAPLANTINE (2000, p.75), desencadeia uma verdadeira revolução no primeiro terço do século XX na antropologia. Freyre emprega no jornalismo a nova perspectiva adotada nas Ciências Sociais, privilegiando a observação in loco e a narrativa dos fatos a partir de onde ocorrem.

Todas essas particularidades do jornalista Gilberto Freyre colaboram com a criação de um novo jornalismo, mais dinâmico, mais objetivo e centrado na relação direta com os fatos. Com base nessas evidências históricas é que se pode afirmar que o período em que Freyre esteve à frente d'A Província ele introduziu novas técnicas, inovando o campo jornalístico, configurando aquela empresa, nas palavras de quem vivenciou todo o processo, numa 'escola de jornalismo'. "Gilberto Freyre era rigoroso. Por isso mesmo 'A Província' foi uma grande 'escola de jornalismo'. Lá, só não aprendeu quem não nasceu para o 'riscado" (SANTOS, 1950).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALL-ROKEACH, Sandra; DEFLEUR, Melvin L. Teorias da comunicação de massa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993. 397 p.
- BENJAMIM, Roberto. Gilberto Freyre e a história de Pernambuco. Entrevista concedida a Edson Fernando Dalmonte. Recife, julho de 2000.
- CHACON, Vamireh. Gilberto Freyre: uma biografia intelectual. Recife: Massangana, 1993. 312 p.
- EMERY, Edwin. História da imprensa nos Estados Unidos. Rio de Janeiro: Editora Libador, 1965. 812 p.
- FONSECA, Edson Nery da. A relação de Gilberto Freyre com a mídia. Entrevista concedida a Edson Fernando Dalmonte. Recife, agosto de 2001a.
- FREYRE, Gilberto. Uma revista para a criança brasileira. Diários Associados, 29, 11 de 1970.
- \_\_\_\_\_. Tempo de aprendiz (Vol. I e II). São Paulo: IBRASA/MEC, 1979. 385 e 400 p.
- \_\_\_\_\_. Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade - 1915-1930. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.
- \_\_\_\_\_. O Diário de Pernambuco e eu. In: BATISTA, Maria Regina (Org.). Diário de Pernambuco: 160 anos. Exposição comemorativa. Recife: Editora Massangana, 1985. 35 p.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

- \_\_\_\_. Casa grande & senzala. 31. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996. 569 p.
- GABLER, Neal. Vida: o filme - como o entretenimento conquistou a realidade. São Paulo: Companhia das letras, 1999.
- GUERRA, José Augusto. Retalhos de jornais velhos. Ciência e trópico. Recife: Editora Massangana, vol. 8, n. 1, 1980.
- HABERMAS, Jürgen. Mudança estrutural da esfera pública. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1984. 397 p.
- LAPLANTINE, François. Aprender antropologia. São Paulo: Brasiliense, 2000. 205 p.
- MARQUES DE MELO, José. Gilberto Freyre, criador do primeiro manual de jornalismo do Brasil. Imprensa, São Paulo, n.147, p.78-79, abri. 2000.
- MORAIS, Fernando. Chatô: o rei do Brasil. São Paulo: Gráfica Círculo, 1994. 679p.
- NASCIMENTO, Luiz do. A Província. In: História da imprensa em Pernambuco (1821-1954). Vol. II. Recife: Imprensa Universitária, 1966. p.174-236.
- PEREIRA, Nilo. Gilberto Freire, jornalista. In: Iniciação ao jornalismo. Natal:UFRN, 1982, p.187-206.
- REZENDE. Antonio Paulo. (Des)Encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte. Recife: Fundarpe, 1997. 204 p.
- RIVAS, Lêda. O outro amor do Dr. Gilberto. Jornal de Cultura. Ano II, n. 18, março de 2000, p.10.
- SANTOS, Jayme. O mestre Gilberto Freyre. Diário de Pernambuco. 15 de março de 1959. p. 3.